

O IMPÉRIO BIZANTINO

“Um general não deve ter que dizer: Eu não esperava”.

“Um general não deve ignorar qualquer situação que possa provavelmente ocorrer em uma guerra”.

“O bom general faz exame não só dos perigos prováveis, mas também naqueles que podem ser totalmente inesperados”.

*“Seus planos sobre as operações principais não devem ser do conhecimento de muitos, somente daqueles que estão mais perto de você”.*⁶

Tratado de Estratégica e Tática Bizantino (extrato)

A origem do Império Bizantino remonta ao século IV, quando o imperador romano Constantino, em face da intensificação da crise econômica, política e social na parte ocidental de seu império, resolveu transferir a capital romana para o oriente. Os romanos escolheram situar sua nova capital no mesmo local onde outrora existira uma colônia grega denominada Bizâncio (às margens do mar de Mármara, no lado europeu do estreito de Bósforo; ponto estratégico por ligar a Europa à Ásia, e o mar Mediterrâneo ao mar Negro).

A nova capital ficou pronta em 330, recebendo o nome de Constantinopla, em homenagem a seu mentor. Mais tarde, em 395, o imperador Teodósio dividiu o Império Romano entre seus filhos. Honório ficou com o Império Romano do Ocidente, Arcádio com o do Oriente. As capitais dos impérios eram, respectivamente, Roma e Constantinopla.

Os dois impérios tiveram destinos diferentes. O do Ocidente sucumbiu em 476, em meio a crises internas e invasões bárbaras; o do Oriente, posteriormente conhecido como Império Bizantino, sobreviveu por estar mais bem estruturado, já que, neste, o poder manteve-se fortemente centralizado pelo imperador, um dos fatores que permitiram aos bizantinos conter os bárbaros e, posteriormente, fazer florescer pujantes atividades econômicas.

⁶ apud PETERSEN, 1992.

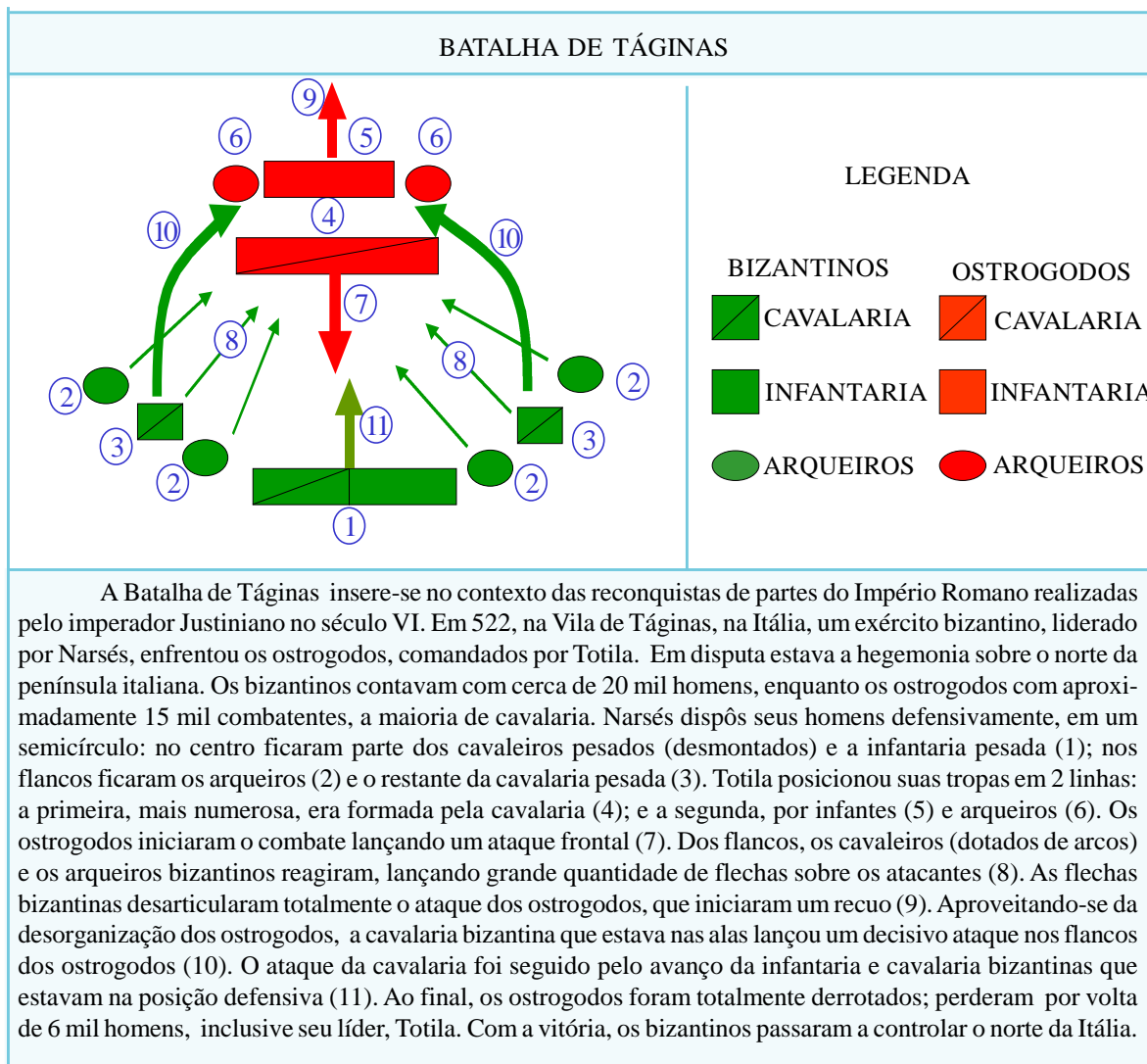
Nos primeiros séculos, os bizantinos mantiveram preservadas as instituições políticas e administrativas romanas, pois delas se consideravam herdeiros. No século VII, porém, já haviam dado forma à sua própria civilização, alicerçada em valores gregos e asiáticos, e em novas compreensões acerca da religião cristã.

A civilização bizantina nitidamente diferia da civilização ocidental que paralelamente se formava na Europa. Isso ocorria em virtude de bizantinos e europeus vivenciarem realidades econômicas, políticas e sociais bastante contrastantes. Na Europa, o poder estava descentralizado, o comércio praticamente inexistia, as cidades estavam despovoadas e a religião era controlada pelo papa; no Império Bizantino, prevalecia o poder centralizado, havia um intenso comércio, existiam grandes cidades e a religião estava a cargo do patriarca de Constantinopla.

O período de maior expansão territorial do Império Bizantino ocorreu no reinado do imperador Justiniano (527-565), um camponês que chegou ao poder por meio de um golpe militar. As guerras desencadeadas por Justiniano tinham como objetivo reconstruir o antigo Império Romano e expandir a fé cristã. Graças às campanhas de dois de seus generais, Belisário e Narsés, Justiniano apoderou-se do norte da África, do sul da Península Ibérica, da Itália e de outras regiões. Nessa época, os bizantinos combateram com êxito também os sassânidas (persas), que há muito tempo tinham um poderoso império no oriente.

Os bizantinos, no entanto, não tinham recursos para manter as conquistas de Justiniano. A partir do século VII, tenderam a perder territórios para povos que, em diferentes momentos, investiram contra seu império (sassânidas, ávaros, árabes, búlgaros, eslavos, turcos, entre outros).





Ter uma organização militar muito eficiente, superior por muitos séculos à dos seus rivais, foi um dos principais motivos da longa existência do Império Bizantino. Os bizantinos possuíam um exército regular, de pequena proporção, pois os imperadores procuravam evitar excessivos gastos, além de temerem possíveis golpes militares. Em caso de necessidade, incorporavam ao exército tropas provenientes dos “Temas” (distritos regionais, ao mesmo tempo civis e militares, autossuficientes, capazes, na maioria das vezes, de fazer frente aos inimigos sem ajuda externa). Cada “Tema”, comandado por um “estratego” (general), deveria recrutar determinado número de combatentes (treinados e equipados) para sua defesa ou para uma campanha militar de maiores proporções.

Além dos contingentes do império, os bizantinos, em muitas ocasiões, lançaram mão de mercenários de diferentes origens, às vezes antigos inimigos, para reforçar seu exército. No século VI, por exemplo, hunos combateram no norte da África em apoio a tropas bizantinas.

Os integrantes das forças bizantinas geralmente recebiam terras ao final do serviço militar. Além disso, outras razões impeliam os soldados a combater: a defesa da religião cristã, a manutenção ou ampliação do território imperial, a preservação de sua civilização e, por vezes, o soldo.

A cavalaria pesada era a elite do exército, pois respondia bem às necessidades bizantinas, já que podia movimentar-se rapidamente para qualquer parte das extensas fronteiras do império. Os cavaleiros pesados eram chamados “catafratos” (encouraçados). Equipavam-se com armaduras, elmos e escudos; armavam-se com arcos, lanças e espadas, e montavam cavalos robustos.

A infantaria, por sua vez, desempenhava um papel auxiliar. Era dividida em dois tipos principais: a leve, armada com arcos; e a pesada, equipada com lanças de estocar, espadas, grandes escudos, couraças e capacetes.

O Exército Bizantino era bem treinado e disciplinado. Graças a isso, cavaleiros e infantaria podiam realizar manobras complexas nos campos de batalha. Os cavaleiros procuravam combinar a potência de suas armas de arremesso ao poder de choque que o uso do cavalo lhes conferia, sendo, de modo geral, bons arqueiros e lanceiros. Havia um corpo médico formado por cirurgiões e padioleiros que acompanhava as forças bizantinas, algo raro em outros exércitos da época. O suprimento também era levado em conta pelos comandantes bizantinos: carroças transportavam pás, machados, rações e outros itens necessários para uma campanha bem sucedida.

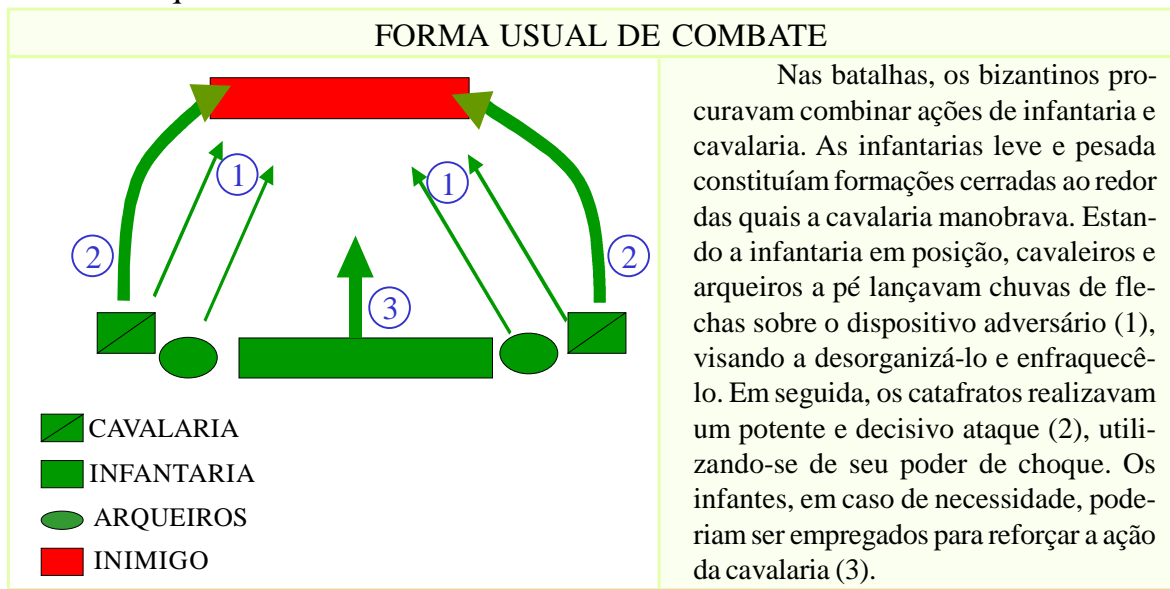
Para conduzir suas operações, os comandantes militares bizantinos inspiravam-se no estudo dos tratados, alguns calcados na doutrina militar em voga no auge do Império Romano. São exemplos dessas obras as “Estratégias do Imperador Maurício”, do final do século VI e as “Táticas de Leão VI”, escritas no final do século IX ou início do X. Nos tratados estava a essência da estratégia militar e da tática bizantinas, que preconizavam o mínimo uso da força para se alcançar os objetivos.

Como o império normalmente tinha recursos escassos e seu exército era, em geral, numericamente inferior aos dos adversários, prescrevia-se aos comandantes empregar o exército em “ações estratégicas indiretas” (evitar um combate decisivo no início da campanha; só fazê-lo mais tarde, quando o inimigo estivesse suficientemente desgastado). Sendo assim, quando tinham seu império invadido, os líderes bizantinos não procuravam repelir imediatamente o inimigo por meio de uma batalha decisiva; pelo

CATAFRATO



contrário, evitavam o combate, procurando prolongar o conflito. Valendo-se de fortalezas, de fintas, de retiradas, e de seu melhor sistema logístico e de comunicação, aguardavam que o inimigo, normalmente menos organizado e disciplinado, se enfraquecesse, o que acontecia geralmente por falta de suprimentos e forragens. O comandante bizantino somente partia para o combate decisivo após um cuidadoso exame da situação, depois de constatar que o invasor estava suficientemente debilitado.



Nas batalhas, os bizantinos procuravam combinar ações de infantaria e cavalaria. As infantarias leve e pesada constituíam formações cerradas ao redor das quais a cavalaria manobrava. Estando a infantaria em posição, cavaleiros e arqueiros a pé lançavam chuvas de flechas sobre o dispositivo adversário (1), visando a desorganizá-lo e enfraquecê-lo. Em seguida, os catafratos realizavam um potente e decisivo ataque (2), utilizando-se de seu poder de choque. Os infantes, em caso de necessidade, poderiam ser empregados para reforçar a ação da cavalaria (3).

Em 1071, no entanto, os bizantinos foram fragorosamente derrotados pelos turcos seljúcidas (povo oriundo das estepes) na Batalha de Manzikert. A derrota representou um duro golpe para o sistema militar e para a economia bizantina, pois os turcos apossaram-se de terras prósperas, localizadas no centro da Ásia Menor, onde se encontravam os principais “Temas”. Sem os contingentes e as riquezas que provinham das terras agora ocupadas pelos turcos, o Exército Bizantino foi obrigado a contratar mercenários de valor duvidoso e o império perdeu boa parte de seu poderio econômico.

Nos séculos posteriores, outros fatos contribuíram para a derrocada do império: péssimas administrações, crises financeiras, golpes palacianos, conflitos religiosos e a concorrência comercial das cidades italianas (em 1204, cruzados, supostos aliados dos bizantinos, saquearam Constantinopla, onde fundaram um reino latino, que durou até 1261, aumentando ainda mais a agonia bizantina).

FERRADURAS E ESTRIBOS

Por volta do século VI, o estribo, inventado na Ásia, foi introduzido na Europa (provavelmente pelos ávaros, povo originário da Ásia Central). Sem esse equipamento, o cavaleiro dispensava a maior parte de sua energia para manter-se na sela. Seu uso proporcionou mais estabilidade ao cavaleiro, que assim podia manejar enormes lanças e espadas com muito mais firmeza. Mais tarde, no século VIII, foram criadas ferraduras para proteger os cascos dos cavalos. Estribos e ferraduras muito contribuíram para que a cavalaria se tornasse a arma preponderante na Idade Média.

BATALHA DE MANZIKERT	
	<p>LEGENDA</p> <p> SELJÚCIDAS</p> <p> BIZANTINOS</p>
<p>Em 1071, em Manzikert, na Ásia Menor, um exército bizantino, liderado pelo Imperador Romano IV, enfrentou os turcos Seljúcidas, comandados pelo sultão Alp Arslan. Em disputa estava o controle de extensos territórios da Ásia Menor. O número de combatentes envolvidos na batalha é impreciso. Os bizantinos contariam com cerca de 50 mil homens, muitos dos quais mercenários; os seljúcidas teriam o dobro desse número, a maioria cavaleiros. Romano dispôs seus homens em duas linhas compactas, uma a centenas de metros à retaguarda da outra, em uma ordem de batalha defensiva. A primeira linha (1) era comandada pelo próprio imperador bizantino; a segunda (2) era liderada por Andrônico, rival político de Romano IV. Alp Arslan posicionou seus homens em uma frouxa forma crescentada (3). Os seljúcidas não partiram para um combate direto. Em vez disso, passaram a fustigar os bizantinos lançando flechas. Os bizantinos passaram, então, a perseguir os seljúcidas, que, por terem maior mobilidade, esquivavam-se de um confronto decisivo. Ao entardecer, Romano IV constatou que seria inútil prosseguir com a perseguição. Ordenou, então, um retraimento, mandando inverter o seu estandarte. Alguns combatentes bizantinos que estavam nos flancos da primeira linha entenderam que aquele sinal significava a morte de seu imperador. Em consequência, entraram em pânico, desarticulando a primeira linha. Alp Arslan, que a tudo observava, ordenou então um grande ataque. Os seljúcidas penetraram pela ala direita da primeira linha bizantina (4), isolando grande parte dos homens da vanguarda inimiga. A segunda linha bizantina não auxiliou a primeira, preferindo retirar-se do campo de batalha sem combater (5). Sem o reforço da segunda linha, a linha de vanguarda bizantina foi massacrada pelo inimigo, tendo Romano IV caído prisioneiro. O resultado da batalha foi uma grande vitória dos seljúcidas, que se apossaram de grande parte da Ásia menor.</p>	

A partir do século XIV, os bizantinos passam a sofrer pressão dos otomanos, um outro clã turco. Em 1450, esse povo já controlava a Ásia Menor e os Balcãs, ficando o Império Bizantino restrito a um mísero enclave dentro do Império Otomano.

A capital imperial, Constantinopla, no entanto, resistia. Situada num promontório, com diversas linhas de sólidas muralhas e outros dispositivos de defesa, já havia rechaçado mais de vinte cercos, dos mais diversos povos.

O “FOGO GREGO”

No século VII, um alquimista chamado Calínico inventou uma substância líquida que ficaria conhecida como “fogo grego”. A fórmula do “fogo grego” perdeu-se ao longo dos séculos, mas provavelmente consistia de uma mistura de nafta, enxofre e salitre. O líquido era muito combustível, chegando a queimar mesmo em contato com a água. Os bizantinos rapidamente utilizaram a substância para fins bélicos. Por meio de potes lançados por catapultas ou esguichados por tubos, a substância era lançada sobre navios e tropas inimigas, causando mortes e pavor.

Em 1453, todavia, o sultão turco Maomé II resolveu conquistar Constantinopla. Para isso, preparou um exército com grande poder de combate, constituído por cerca de cem mil homens e dotado de canhões capazes de derrubar as muralhas bizantinas. Após um cerco de cinquenta e quatro dias, a cidade finalmente foi conquistada. Recebeu um novo nome, Istambul, tornando-se a capital do Império Otomano. Chegava ao fim a civilização que havia preservado a herança do mundo clássico por quase mil anos.

Por muitos séculos os exércitos bizantinos asseguraram a prosperidade de seu império. Mais organizados e disciplinados, mais bem empregados e treinados, foram superiores às forças inimigas em muitas ocasiões. Ao longo de sua trajetória, fizeram frente a diversos povos que almejavam as riquezas bizantinas, entre estes os árabes, que, movidos por uma nova religião, construiriam um grande império a partir do século VII.